

2025

ANAIIS DA XIX, MOSTRA CIENTÍFICA SADI BOGADO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO



XXVII SACAMEV
Semana Acadêmica de Medicina Veterinária
Universidade Estadual do Norte Fluminense



Primeiros colocados da categoria

Apresentação oral



1

RESSECÇÃO CIRÚRGICA DE MASTOCITOMA CUTÂNEO CANINO UTILIZANDO RETALHO DE ROTAÇÃO SUBDÉRMICO: RELATO DE CASO.

2

USO DO RETALHO MUCOCUTÂNEO LABIAL (LIP-TO-LID) NO REPARO DE DEFEITO PALPEBRAL INFERIOR EM CÃO: RELATO DE CASO

3

CORREÇÃO CIRÚRGICA DE PROLAPSO URETRAL EM CÃO: RELATO DE CASO



SUMÁRIO

1. A IMPORTÂNCIA DO POCUS TORÁCICO EM FELINO DISPNEICO: RELATO DE CASO	1
2. A POTENTE CAPACIDADE ANGIOGÊNICA DO OMENTO NA LIBERAÇÃO DE FATORES NEOVASCULARES NA CONSOLIDAÇÃO ÓSSEA	2
3. ANÁLISE RETROSPECTIVA DE NEOPLASIAS MAMÁRIAS EM CADELAS NO PERÍODO DE 2023-2024B	3
4. AVALIAÇÃO VOLUMÉTRICA GÁSTRICA DE CÃES (<i>CANIS LUPUS FAMILIARIS</i>)	4
5. CORREÇÃO CIRÚRGICA DE PROLAPSO URETRAL EM CÃO: RELATO DE CASO	5
6. DESVIO PORTOSSISTÊMICO EXTRA HEPÁTICO ADQUIRIDO EM CÃO - RELATO DE CASO	6
7. DIAGNÓSTICO CLÍNICO DE TÉTANO EM FILHOTE DE CÃO COM SINAIS NEUROMUSCULARES AGUDOS: RELATO DE CASO	7
8. DIAGNÓSTICO ULTRASSONOGRÁFICO DE HÉRNIA ESCROTAL UNILATERAL EM CÃO IDOSO: RELATO DE CASO	8
9. EXÉRESE DE MELANOMA ORAL EM CANINO E QUEILOPLASTIA RECONSTRUTIVA : RELATO DE CASO	9
10. FISIOTERAPIA ALIADA A PRÁTICAS INTEGRATIVAS NO TRATAMENTO COMPLEMENTAR DE DOENÇA DO DISCO INTERVERTEBRAL EM CÃO: RELATO DE CASO	10
11. H-PLASTIA PARA RECONSTRUÇÃO PALPEBRAL EM CÃO - RELATO DE CASO	11
12. HIPERPLASIA MAMÁRIA FELINA COM EVOLUÇÃO PARA NEOPLASIA MAMÁRIA: RELATO DE CASO	12
13. HIPERPLASIA UROTELIAL POLIPÓIDE ASSOCIADA A CISTITE CRÔNICA EM CÃO DA RAÇA SHIH-TZU – RELATO DE CASO	13
14. HIPOADRENOCORTICISMO EM CÃO: RELATO DE CASO	14

SUMÁRIO

15. MEDICINA VETERINÁRIA INTEGRATIVA NO TRATAMENTO DE LESÕES CAUSADAS POR ESPOROTRICOSE: RELATO DE CASO -----	15
16. PRÁTICAS INTEGRATIVAS NO TRATAMENTO DE FERIDAS CAUSADAS POR ESPOROTRICOSE EM FELINO- RELATO DE CASO -----	16
17. RECONSTRUÇÃO CUTÂNEA PÓS EXÉRESE TUMORAL EM METACARPO DE CÃO UTILIZANDO RETALHO DE AVANÇO UNIPEDICULADO: RELATO DE CASO -----	17
18. RESSECÇÃO CIRÚRGICA DE MASTOCITOMA CUTÂNEO CANINO UTILIZANDO RETALHO DE ROTAÇÃO SUBDÉRMICO: RELATO DE CASO -----	18
19. TRATAMENTO CONSERVADOR DE DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃO <i>Canis lupus familiaris Linnaeus</i> , 1758 (Carnivora: Canidae) COM PRÁTICAS DA MEDICINA VETERINÁRIA INTEGRATIVA: RELATO DE CASO -----	19
20. TRAUMA CRÂNIO-ENCEFÁLICO EM FILHOTE CANINO E ABORDAGEM CLÍNICA COM MANITOL: RELATO DE CASO -----	20
21. USO DO RETALHO MUCOCUTÂNEO LABIAL (LIP-TO-LID) NO REPARO DE DEFEITO PALPEBRAL INFERIOR EM CÃO: RELATO DE CASO -----	21
22. UTILIZAÇÃO DE BISTURI ULTRASSÔNICO PARA ESTAFILECTOMIA: RELATO DE CASO -----	22
23. UTILIZAÇÃO TRANSOPERATÓRIA DA HISTOPATOLOGIA POR CONGELAMENTO PARA AS RESSECÇÕES NEOPLÁSICAS: RELATO DE CASO -----	23
24. AMPUTAÇÃO COXOFEMORAL DE MEMBRO PÉLVICO EM COELHO COM SUSPEITA DE PLASMOCITOMA -----	4
25. HEMANGIOMA CAVERNOSO EM <i>Larus dominicanus</i> – RELATO DE CASO -----	25
26. OCORRÊNCIA DE SARCÓIDE EM EQUINO: RELATO DE CASO-----	26

A IMPORTÂNCIA DO POCUS TORÁCICO EM FELINO DISPNEICO: RELATO DE CASO

MATHIAS, L. F. A.¹; FAES, M. R.²; MELO, G. S.³; SANCHES, G. L.⁴; VALLERIOTE, P. S.⁵.

1. Discente da Universidade Salgado de Oliveira. Av. Vinte e Oito de Março, 856 – Parque Dom Bosco, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil (leticiafaes.a.mathias@gmail.com); 2. Médica Veterinária Técnica Nível Superior da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); 3. Médica Veterinária, Pós-Graduada em Cirurgia de Cães e Gatos (ANCLIVEPA/SP); 4. Médico Veterinário, Mestre em Ciência Animal (UENF); 5. Médica Veterinária autônoma.

Nos cães, as neoplasias localizadas em pálpebras são caracterizadas pelo crescimento anômalo e descoordenado, sendo de significativa importância clínica. Sendo que, aproximadamente 75% dos casos diagnosticados são benignos, enquanto 25% apresentam comportamento maligno. Apesar do potencial maligno, essas neoplasias geralmente possuem baixa taxa de metástase e infiltração local, acometendo com maior frequência cães geriátricos. O objetivo deste trabalho é relatar a exérese de neoplasia em pálpebra superior juntamente com a técnica reconstrutiva de H-plastia em cão. Um paciente canino, sem raça definida (SRD), fêmea, 13 anos de idade e pesando aproximadamente 17 kg, foi atendido no Hospital Veterinário Sadi Bogado, localizado na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, apresentando histórico de uma neoformação na pálpebra superior direita há cerca de 10 meses, acompanhada de desconforto à movimentação palpebral. Ao exame físico, o nódulo apresentava-se ulcerado, de consistência firme, coloração amarronzada, e dimensões aproximadas de 0,6 cm x 0,7 cm, sem a presença de linfonodos reativos e nódulos adjacentes. Foi indicada a excisão cirúrgica do nódulo, seguida de reconstrução palpebral por meio da técnica de blefaroplastia em “H” (H-plastia), indicada especialmente para defeitos que comprometem mais de um terço da rima palpebral. Embora mais frequentemente utilizada na pálpebra inferior, essa técnica demonstrou ser eficaz também na pálpebra superior. Foram realizados exames pré-operatórios e o paciente foi considerado apto para realização do procedimento cirúrgico. A exérese foi realizada com margens de segurança de 5 mm, seguida pela confecção do retalho em H, com incisões paralelas de comprimento 1,5 vezes maior que o defeito, associadas a triângulos de Burrow em cada extremidade distal, favorecendo o deslizamento do retalho sem formação de pregas indesejáveis. Após divulsão delicada do tecido, o retalho foi posicionado e fixado com pontos simples descontínuos sobre a ferida cirúrgica utilizando fio monofilamentar sintético não absorvível 5-0 (Nylon), iniciando pelo os ápices dos triângulos. Em seguida, foi realizada a conjuntivalização da borda do retalho para prevenir a formação de triquíase no pós-operatório. Na análise anatomopatológica, o material foi compatível com epiteloma sebáceo, apresentando margens livres. Trata-se de uma neoplasia benigna, caracterizada pela proliferação de células basaloideas com diferenciação sebácea, com a possibilidade de evolução para um comportamento maligno em alguns casos. Diante desse diagnóstico, o prognóstico é considerado favorável. A técnica cirúrgica utilizada foi eficaz na correção do defeito gerado, promovendo a recuperação da funcionalidade e da estética da região, proporcionando mais conforto ao paciente.

Palavras-chave: Blefaroplastia; Cirurgia; Neoformação;

A POTENTE CAPACIDADE ANGIOGÊNICA DO OMENTO NA LIBERAÇÃO DE FATORES NEOVASCULARES NA CONSOLIDAÇÃO ÓSSEA

Barreto, A.T.N. ¹; Santos, T.F.A ²; Plouvier, L. P. ¹ ; Oliveira, N. S. ¹ ; Oliveira, A.L.A. ³ ; Peixoto, T. M. B. ³ ;

1.Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (20201300076@pq.uenf.br). 2.Mestranda na Universidade Estadual Paulista (UNESP) – thaisfurtado.vet@gmail.com – Jaboticabal/ SP. 3.Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamago, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

Na ortopedia veterinária, o tratamento de fraturas crônicas é desafiador, especialmente devido às infecções e à dificuldade em promover a regeneração óssea. O uso de retalhos omentais, com propriedades angiogênicas e imunomoduladoras, combinado ao enxerto ósseo autólogo, tem se mostrado uma estratégia promissora para estimular a osteogênese e a recuperação do membro. Este trabalho descreve o caso de um cão adulto, sem raça definida (SRD), vítima de atropelamento, que apresentava fratura transversa no fêmur esquerdo e mantinha claudicação persistente mesmo após a primeira intervenção cirúrgica, na qual havia sido utilizada uma placa de aço de 2,7 mm para estabilização. Diante da evolução clínica desfavorável, optou-se por uma nova abordagem terapêutica, envolvendo a realização de uma segunda osteossíntese associada ao uso de retalho pediculado de omento maior como estratégia adjuvante. Inicialmente, com o paciente em decúbito lateral, foi realizado acesso cirúrgico lateral à diáfise femoral, seguido de ostectomia dos bordos fraturários e abertura do canal medular, preparando-se o local para a nova estabilização óssea. A estabilização da fratura foi obtida mediante a aplicação de uma nova placa de titânio de 3,5 mm, empregada em função de ponte, associada à introdução de um pino intramedular em direção normógrada, inserido através da fossa intertrocanterica, com o objetivo de minimizar a manipulação direta do foco da fratura. A fixação da placa foi realizada com a colocação de três parafusos bicorticais na extremidade proximal e três na extremidade distal. Na etapa seguinte, com o paciente posicionado em decúbito dorsal, procedeu-se à celiotomia mediana para acesso ao omento. Após a exteriorização do baço, foi realizada dissecação da lâmina dorsal do omento, que se encontrava aderida ao pâncreas. O tecido omental foi cuidadosamente desdobrado e moldado no formato de um “L” invertido. Para possibilitar a transposição do retalho, confeccionou-se uma incisão de aproximadamente 2 cm na parede inguinal lateral esquerda, criando-se um túnel subcutâneo até a região lateral do fêmur, onde o retalho foi posicionado diretamente sobre o foco de fratura. O acompanhamento pós-operatório incluiu avaliações radiográficas realizadas nos dias 0, 30 e 60, nas quais se observou, ao final do período, consolidação óssea completa.

Palavras-chave: Osteossíntese; Regeneração óssea; Enxerto autólogo;

ANÁLISE RETROSPECTIVA DE NEOPLASIAS MAMÁRIAS EM CADELAS NO PERÍODO DE 2023-2024

Tavares, A.F.P.R.¹; Santos, T.F.A.²; Duque, L.M.³; Melo, G.G.⁴; Vianna, L.M.⁵; Oliveira, A.L.A.⁶;

1.Discente de Medicina Veterinária na Universidade Estácio de Sá (UNESA) (arthfiliperibei@gmail.com) – Campos dos Goytacazes/RJ/. 2.Mestranda na Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Jaboticabal/SP. 3.Cirurgia volante em Campos dos Goytacazes/RJ. 4.Médica veterinária em Campos dos Goytacazes/RJ. 5.Médica veterinária em Campos dos Goytacazes/RJ. 6.Professor associado na UENF – Campos dos Goytacazes/RJ

O tumor de mama é uma das patologias mais comuns em cadelas, com menor incidência nos machos. A maioria das neoplasias mamárias ocorre em animais de meia-idade ou idosos, na faixa de 5 a 12 anos. Cerca de 35 a 50% dos tumores mamários caninos são malignos. Os tumores malignos podem causar metástases nos linfonodos regionais, pulmões e outros órgãos através dos vasos linfáticos e sanguíneos. O carcinoma, como o carcinoma anaplásico, carcinoma sólido, adenocarcinoma tubular e adenocarcinoma papilar são os tumores mamários mais comumente encontrados na rotina. A mastectomia é a técnica cirúrgica utilizada para a retirada do tecido mamário quando há presença de tumores. A escolha cirúrgica dependerá do tamanho do nódulo, localização e espécie, podendo realizar a mastectomia regional, parcial, unilateral total ou bilateral. O procedimento inicia-se por uma incisão elíptica ao redor do tecido acometido, com margem de 3 cm, seguida da ressecção do tegumento, mamas e glândulas. Posteriormente, a ligadura dos principais vasos (artéria e veia epigástrica superficial cranial e caudal) e retirada dos linfonodos acometidos (linfonodo axilar e inguinal) é realizada. Após isso finaliza-se o procedimento cirúrgico com sutura do subcutâneo e da pele. Sendo assim, foi realizado um trabalho retrospectivo com o objetivo de analisar a incidência de diferentes tipos de tumores mamários em cadelas, no período de março de 2023 a julho de 2024, no Setor de Cirurgia do Hospital Veterinário da UENF. Foram analisadas as fichas de 45 pacientes atendidos, onde 20% tinham 10 anos de idade, 13,33% tinham 11 anos e 11,11% tinham 7, 8 e 9 anos. O tipo de tumor mais encontrado foi o carcinoma, presente em 62,22% dos casos, sendo 57,14% carcinoma tubular e 42,85% carcinoma em tumor misto. Além disso, 31,11% dos pacientes também apresentavam adenoma tubular, 17,77% adenoma em tumor misto e 17,77% hiperplasia ductal. O acometimento dos linfonodos corresponde a 22,22% dos casos. Os resultados encontrados foram convergentes com os descritos na literatura (1–3), demonstrando a correlação da idade com o surgimento de neoplasias, além da alta incidência de carcinomas.

Palavras-Chave: Tumor mamário; Carcinoma; Neoplasia;



AVALIAÇÃO VOLUMÉTRICA GÁSTRICA DE CÃES (*CANIS LUPUS FAMILIARIS*)

SILVA, N. G.¹; BARCELLOS, D. H.¹; BARCELOS, H. R.¹; CAVALCANTE, N. R.¹; COSTA, A. C.²; GODINHO, A.B.F.R.³

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (naineguimaraes01@gmail.com); 2. Doutorando da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy; 3. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

A anatomia animal é fundamental para a Medicina Veterinária, sendo base essencial para diagnósticos, protocolos cirúrgicos, fisioterapia, classificação de porte, manejo e treinamento de animais atletas. O estômago, víscera oca e muscular, localiza-se entre o esôfago e o intestino delgado, sendo responsável pela digestão e retenção temporária dos alimentos. No cão, o estômago é uma víscera unicavitária, dividida em cárdia, fundo, corpo e piloro, com duas curvaturas: maior (ventral e convexa) e menor (dorsal e côncava). Sua topografia e volume variam conforme o grau de repleção, podendo ser contraído e pequeno quando vazio ou piriforme e irregular quando distendido. Na literatura, os dados sobre a capacidade gástrica em cães divergem entre os autores, em que Dyce e Singh sugerem entre 0,5 à 6,0 L com média de 2,5 L e Getty a média de 2,4 L. Este estudo objetivou avaliar a capacidade volumétrica gástrica de cães, mediante a aprovação ID 583685 da Comissão de Ética de Uso Animal. Foram analisados 30 estômagos de cadáveres de cães adultos, de diferentes sexos, raças e massa corporal, oriundos de doações após óbito, realizado na Seção de Anatomia dos Animais Domésticos da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Os estômagos foram isolados com sacola plástica dentro de um recipiente, com o piloro ocluído por abraçadeira de nylon (3,6x200mm). O preenchimento foi feito através de uma mangueira inserida no cárdia, também fixada com abraçadeira, garantindo que o preenchimento de água causasse a expansão total da víscera até o rompimento da parede do estômago. Os volumes resultantes variaram entre 1.310 mL (mínimo) e 9.485 mL (máximo), com média de 3.535 mL. O rompimento ocorreu 43,33% dos casos no fundo, 46,67% no corpo e 10% no piloro; quanto à localização, 86,67% na curvatura maior, 6,67% na curvatura menor e 6,67% na região média. Portanto, o local do rompimento relaciona-se ao tipo e à distribuição das fibras musculares lisas: a camada circular interna mais desenvolvida e espessa formando os esfíncteres da cárdia e pilórico; a camada longitudinal externa nas curvaturas do estômago formada por fibras longitudinais, oblíquas externas e oblíquas internas menos resistentes. Conclui-se que o conhecimento da capacidade gástrica e das áreas mais susceptíveis ao rompimento contribui para o aprimoramento de técnicas cirúrgicas, como a gastropexia e gastrotomia, além de orientar o manejo nutricional conforme a capacidade real de distensão da víscera.

Palavras-chave: Anatomia veterinária; Capacidade gástrica; Estômago canino;



CORREÇÃO CIRÚRGICA DE PROLAPSO URETRAL EM CÃO: RELATO DE CASO

VIEIRA, E.D.¹; CARVALHO, L.F.G.²; MURY, J.S.²; PEIXOTO, T.M.B.³; OLIVEIRA, A.L.A.³.

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (duarteestela830@gmail.com); 2. Médica Veterinária, Residente de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; 3. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

O prolapso uretral configura-se como uma afecção de casuística rara na rotina clínico-cirúrgica de pequenos animais, caracterizada pela protrusão da mucosa da uretra na porção distal do pênis, através do óstio uretral externo. Essa condição apresenta maior incidência em cães machos jovens não castrados, com maior predisposição em raças braquicefálicas como Buldogue Inglês. Seu mecanismo etiológico ainda não foi integralmente determinado, porém sugere-se uma origem multifatorial relacionada à predisposição genética, excitação sexual excessiva, infecções geniturinárias, traumas e neoplasias. O presente trabalho visa relatar o caso de um cão, macho, não castrado, da raça American Bully, com 1 ano de idade e pesando 23,5 Kg, encaminhado para atendimento no Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) com suspeita de Tumor Venéreo Transmissível (TVT) e histórico de sangramento peniano há 6 dias, urina sem alterações e aumento de volume na extremidade distal do pênis. Ao exame físico, observou-se protrusão visível de tecido pelo óstio uretral, de característica arredondada, congesta, cianótica, sem formação tumoral firme, com hemorragia local e sinais de necrose tecidual. Nos exames laboratoriais de hemograma e bioquímico não foram relatadas alterações. Diagnosticado o prolapso uretral e constatada a baixa taxa de recuperação espontânea desse quadro, o animal foi encaminhado para intervenção cirúrgica. Foi realizada a orquiectomia bilateral seguida pela cateterização da uretra com sonda uretral 10 para melhor visualização e manejo da estrutura, junto ao garroteamento do pênis para diminuição da hemorragia transoperatória. Foram colocadas duas suturas de sustentação equidistantes na mucosa até o lúmen uretral com fio poliglecaprone 4-0, além da inserção de uma agulha hipodérmica 22G 1 pelo tecido peniano para fixar e impedir sua retração para o interior do pênis. Ato contínuo, foi realizada a transecção completa da uretra prolapsada, na base do tecido evertido, e a mucosa uretral saudável foi fixada ao pênis por padrão simples interrompido com fio poliglecaprone 4-0, para melhor disposição do lúmen uretral e evitar distorções inadequadas da mucosa. No pós-operatório imediato, implementou-se analgesia e antibioticoterapia profilática, tendo em vista a contaminação do local da incisão pela passagem de urina. No retorno para reavaliação, observou-se boa cicatrização do tecido e ausência de deiscência de pontos, com micção normal e sem sinais de obstrução uretral. A correção cirúrgica do prolapso uretral associada à orquiectomia bilateral mostrou-se eficaz, com recuperação satisfatória do paciente e sem recidiva do quadro até o último acompanhamento.

Palavras-chave: Cirurgia; Uretra; Urologia;



DESVIO PORTOSSISTÊMICO EXTRA HEPÁTICO ADQUIRIDO EM CÃO - RELATO DE CASO

MARTINS, M.E.Z.1; FAES, P.R.1; MELO, G.S.2; SANCHES, G.L.2; MATIAS, L.A.3; FAES, M.R.4

1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Estácio de Sá (martinsmariaeduarda844@gmail.com); 2. Médico Veterinário Autônomo; 3. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Salgado de Oliveira; 4. Medica Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

O desvio portossistêmico extra-hepático adquirido (DPEHA) é uma alteração vascular caracterizada pela abertura de vasos colaterais que conectam o sistema portal à circulação sistêmica. Esses vasos se formam secundariamente à hipertensão portal, causada por doenças hepáticas, trombose ou compressão da veia porta, fistulas artérioporiais e hipoplasia da veia porta. Costumam ser tortuosos, e são observados na região esplâncnica, onde realizam anastomose com a veia renal esquerda e/ou com a veia cava caudal. Observar se também a veia gonadal esquerda dilatada, um achado específico de DPEHA, e uma anastomose espleno renal esquerda. O desvio portossistêmico provoca sinais clínicos compatíveis com encefalopatia hepática, devido ao comprometimento hepático na depuração da amônia. Este trabalho relata um caso de DPEHA em uma cadela sem raça definida, com nove meses de idade, encaminhada para exame ultrassonográfico devido a presença de sinais clínicos compatíveis com encefalopatia hepática, como trismo mandibular, sialorreia, ataxia e olhar fixo. As enzimas hepáticas se encontravam elevadas, ureia diminuída e a creatinina sem alteração, além de albumina diminuída, sem alterações no hemograma. O exame foi realizado com a paciente em decúbito dorsal, lateral direito e esquerdo, utilizando os transdutores microconvexo (6–10 MHz) e linear (8–13 MHz). Os achados ultrassonográficos incluíram presença de líquido livre na cavidade abdominal, anecoico em quantidade acentuada, microhepatia, com parênquima hepático de aspecto normal, vesícula urinária com cristais e edema pancreático. Na avaliação vascular, observou-se na região esplâncnica vários vasos calibrosos e tortuosos, dilatação da veia cava caudal, medindo 1,03 cm, com fluxo turbulento na inserção da veia renal esquerda, que por sua vez se encontrava acentuadamente dilatada, medindo 1,12 cm, sendo ainda possível verificar um vaso se inserindo nesta, medindo 0,31 cm, sugestivo de veia gonadal esquerda. Ainda nesta região, foi identificado um vaso com origem na veia esplênica com fluxo sanguíneo em direção caudal. Na altura do 12o e 11o espaços intercostais, pode ser observado veia porta com calibre diminuído, medindo 0,52 cm; veia cava caudal inferior dilatada, medindo 1,25 cm; e aorta 0,75 cm. Com base nos achados ultrassonográficos, foi sugerido DPEHA, confirmado pela tomografia computadorizada. O animal foi submetido a procedimento cirúrgico corretivo e apresentou boa evolução pós-operatória. A associação entre a avaliação clínica, achados ultrassonográficos e tomografia foi essencial para confirmar o diagnóstico. Este caso ressalta a relevância da ultrassonografia vascular como ferramenta de triagem diagnóstica em casos suspeitos de desvios portossistêmicos.

Palavras-chave: Encefalopatia hepática; Hipertensão portal; Ultrassonografia vascular;

DIAGNÓSTICO CLÍNICO DE TÉTANO EM FILHOTE DE CÃO COM SINAIS NEUROMUSCULARES AGUDOS: RELATO DE CASO

BORGES, C.P.¹.; MONTEIRO, V. R. G.¹; VILLAPOUCA, J.G.²; CARDOSO, S. O.²; PEDROSA, P. L.²; ALBERNAZ, A. P.³;

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) (carolinapborgess@gmail.com); 2. Médica Veterinária pela UENF; 3. Docente da UENF.

Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

O tétano é uma doença neurológica aguda causada pela toxina tetanospasmina, produzida pelo *Clostridium tetani*, cuja infecção geralmente ocorre, através de contato direto do agente com feridas, permitindo a produção da toxina em ambiente anaeróbico. Essa neurotoxina bloqueia neurotransmissores inibitórios no SNC, levando à rigidez muscular, espasmos e hiperreflexia. O prognóstico varia conforme a gravidade dos sinais clínicos. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de tétano em cão filhote, evidenciando a apresentação clínica neurológica da enfermidade, as condutas terapêuticas adotadas e os desafios enfrentados no manejo da doença. Trata-se de um cão macho, sem raça definida, com três meses de idade, sem histórico vacinal encaminhado ao Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) apresentando quadro de tetraparesia espástica e hiporexia, após possível exposição ao *C. tetani* em horta adubada com esterco de equinos. Durante exame clínico, o animal encontrava-se alerta e responsivo, porém incapaz de manter-se em estação. A única lesão observada era uma pequena erosão gengival, compatível com erupção dentária. A temperatura retal era de 37,3°C; PAS de 100 mmHg e demais parâmetros estavam dentro da normalidade. O exame neurológico revelou espasticidade muscular de progressão rápida. O leucograma revelou leucocitose neutrofílica, eosinofilia absoluta e linfopenia absoluta. Na bioquímica sérica, os valores encontravam-se majoritariamente dentro da normalidade, excetuando-se a AST limítrofe, creatina quinase aumentada, além de uréia e proteínas totais (albumina e globulinas) diminuídas, achados compatíveis com lesão muscular ativa. Para estabilização do paciente foi realizado fluidoterapia com Solução de Ringer Lactato, dipirona, metadona, metronidazol e midazolam. Entretanto, o paciente apresentou progressão da rigidez muscular, acompanhada de sinais clássicos como hiperreflexia, postura opistótona, fotofobia e hiperacusia. Esses achados, associados à lesão em tecido gengival e ao histórico ambiental compatível, sustentaram o diagnóstico clínico de tétano. Apesar da instituição de protocolo terapêutico, incluindo a administração de soro antitetânico liofilizado e penicilina, o quadro evoluiu de forma desfavorável. Diante da piora progressiva e do comprometimento da qualidade de vida, optou-se pela eutanásia, com o consentimento dos responsáveis. O presente relato reforça a importância da suspeita clínica de tétano em cães jovens, especialmente na presença de rigidez muscular progressiva, hiperreflexia e histórico de lesões predisponentes, como feridas ou focos infecciosos orais. Além disso, evidencia a relevância do diagnóstico diferencial precoce em filhotes com sinais neuromusculares, considerando o tétano como uma causa significativa de comprometimento neurológico em pequenos animais.

Palavras-chave: Neurotoxina tetânica; Soro antitetânico liofilizado; Tetraparesia espástica;

DIAGNÓSTICO ULTRASSONOGRÁFICO DE HÉRNIA ESCROTAL UNILATERAL EM CÃO IDOSO: RELATO DE CASO

CORRÊA L. N.¹; RAMOS, B. O.²; .MOTA, G.A.²; MARQUES, L. H. C., ³; FAES, M. R.⁴; CUNHA, I. C. N.⁵.

1. Discente de Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). (20221300071@pq.uenf.br) 2. Médica Veterinária, Residente em Reprodução, obstetrícia e ultrassonografia de animais de companhia - UENF. 3. Médico Veterinário, Mestrando em Ciência Animal - UENF 4. Médica Veterinária Técnica Nível Superior - UENF. 5. Professora Responsável pelo Setor de Reprodução, Obstetrícia e Ultrassonografia de Animais de Companhia - UENF.

As hérnias escrotais, mais comuns em cães de raças condrodistróficas, resultam de defeito no anel inguinal, permitindo protrusão de vísceras abdominais. Sua etiologia envolve, principalmente, fatores congênitos e traumas. Clinicamente, se apresentam como massa firme unilateral no escroto, podendo causar dor intensa e alterações de coloração em casos de estrangulamento. O diagnóstico diferencial inclui torção testicular, orquite e neoplasias, que exigem condutas distintas. A ultrassonografia é essencial para confirmar o diagnóstico, avaliar a viabilidade do conteúdo herniado e definir a conduta terapêutica, que deve ser precoce para evitar complicações. Este trabalho visa relatar um caso de hérnia escrotal em cão, com ênfase nos achados ultrassonográficos e sua contribuição para o diagnóstico e tratamento adequado. Trata-se de um cão macho, não orquiectomizado, da raça Poodle Toy com 12 anos, encaminhado ao setor de Reprodução Animal do Hospital Veterinário da UENF, apresentando aumento do volume escrotal e testicular há 4 dias, evoluindo para coloração arroxeada. A tutora relatou que o volume testicular variava inicialmente, mas nos últimos dias o aumento tornou-se constante. À palpação, o volume era irreduzível, com sinais clínicos sugestivos de estrangulamento. Foi realizada ultrassonografia reprodutiva em modo B, complementada por Doppler colorido. Em modo B, observou-se o testículo direito em corte longitudinal medindo aproximadamente $2,78 \times 1,36$ cm, de formato ovalado, contornos regulares, ecogenicidade mantida, ecotextura homogênea, linha mediastinal definida e vascularização mantida à ferramenta Doppler, seu epidídimo se apresentava normoespesso e normoecogênico. O testículo esquerdo apresentava dimensões reduzidas, medindo cerca de $1,91 \times 1,30$ cm, com formato arredondado, contornos regulares, ecogenicidade mista, ecotextura heterogênea pela presença de área arredondada hiperecogênica e homogênea, medindo cerca de $0,46 \times 0,54$ cm, sugerindo degeneração testicular associada a área isquêmica. O epidídimo esquerdo apresentava-se espessado. Em bolsa escrotal esquerda, observou-se canal inguinal medindo 0,6 cm de diâmetro, com insinuação de tecido de contornos regulares, ecogênico, homogêneo, com 1,13 cm de comprimento, configurado hérnia escrotal tendo omento como conteúdo. No exame com Doppler colorido, foi identificada baixa vascularização no plexo pampiniforme esquerdo, testículo esquerdo e conteúdo herniado, sendo sugestivo de estrangulamento. Considerando os achados, o paciente foi submetido à herniorrafia escrotal associada à orquiectomia bilateral. Após 10 dias, retornou para avaliação, sem aumento de volume na região acometida, com cicatrização adequada. Dessa forma, o diagnóstico ultrassonográfico foi essencial para a confirmação da hérnia escrotal e conduziu o tratamento adequado, permitindo boa recuperação do paciente.

Palavras-chave: Ultrassonografia; Diagnóstico por Imagem; Herniorrafia;

EXÉRESE DE MELANOMA ORAL EM CANINO E QUEILOPLASTIA RECONSTRUTIVA : RELATO DE CASO

OLIVEIRA, K. F. A.¹; ALVES, J. V. A.²; RIBEIRO, N. F.³; LANDMANN, J. G.¹; PEIXOTO, T. M. B.⁴; OLIVEIRA, A. L. A.⁴.

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) (karinafatima@pq.uenf.br); 2. Residente de Clínica Cirúrgica em Animais de Companhia na UENF; 4. Médica Veterinária Graduada pela UENF; 3. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

O melanoma oral é uma neoplasia maligna de melanócitos que pode acometer os cães e gatos, podendo ser classificado como melanótico, quando há produção de melanina, e amelanótico. Possui comportamento agressivo, com alta taxa de recidiva local e grande potencial metastático. Representa uma das principais neoplasias orais em pequenos animais, especialmente em cães de meia-idade a idosos. O diagnóstico definitivo é realizado por meio de exame histopatológico, sendo a cirurgia a principal forma de tratamento. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de exérese cirúrgica de melanoma em cavidade oral de um cão, sem raça definida, com 9 anos, pesando 34,1 kg, sob queixa de sangramento bucal, com histórico de halitose, sialorréia e presença de massa na cavidade oral há menos de 2 meses. No exame físico, constatou-se formação nodular em região jugal direita, ulcerada, crescendo progressivamente, medindo aproximadamente 5,5 cm, além do linfonodo submandibular reativo ipsilateral ao nódulo e infestação por ectoparasitas. O hemograma e bioquímico evidenciaram anemia normocítica normocrômica, anisocitose discreta, aumento de proteínas totais e globulinas e o teste rápido snap 4Dx foi reativo para Ehrlichia canis/E. ewingii. s. A radiografia e a ultrassonografia (US) não indicaram formações neoplásicas, porém evidenciou-se uma esplenomegalia difusa na US. O animal foi submetido à anestesia geral inalatória, precedida por uma medicação pré-anestésica. Com o animal em decúbito lateral esquerdo, foi realizada a linfadenectomia submandibular direita, em seguida, foi feita a ressecção ampla do nódulo, respeitando-se margens de segurança de aproximadamente 2 cm, iniciando com uma incisão na pele, a fim de identificar a vascularização da região, em seguida incisando pela mucosa oral. O defeito resultante foi corrigido através de uma queiloplastia, realizada em 4 planos, utilizando suturas simples descontínuas, iniciada pela mucosa oral, seguida da musculatura e subcutâneo utilizando fio poliglecaprone 25 nº 3-0, e finalizada na pele, utilizando fio de poliamida monofilamentar 3-0. O material excisado foi enviado para análise histopatológica, com resultado compatível com melanoma maligno. No pós-operatório, o animal foi mantido sob analgesia, antibioticoterapia e dieta pastosa, sendo acompanhado clinicamente nas semanas seguintes. A exérese cirúrgica continua sendo a principal abordagem terapêutica, sendo essencial uma margem ampla para a total remoção da doença. O caso relatado demonstra a importância da avaliação clínica detalhada e da abordagem cirúrgica sendo fundamentais no manejo do melanoma oral, contribuindo para a melhora da qualidade de vida e sobrevida do paciente, mesmo diante de um prognóstico geralmente reservado.

Palavras-chave: Oncocirurgia; Oncologia; Comissuroplastia;



FISIOTERAPIA ALIADA A PRÁTICAS INTEGRATIVAS NO TRATAMENTO COMPLEMENTAR DE DOENÇA DO DISCO INTERVERTEBRAL EM CÃO: RELATO DE CASO

Ventura, M. S.¹, Vidal, L.O.²; Mariano, F. de A.³; Petrucci, M.P.³; Sales, L.F.⁴; Santos, B.G.⁵.

1. Discente em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) (maysasventura@gmail.com) (Av. Alberto Lamego 405, Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes –RJ). 2. Mestranda em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); 3. Médico veterinário fisiatra do Espaço de Reabilitação Animal (ERA); 4. Pós graduando em Fisioterapia, Fisioterapia e Reabilitação Veterinária pelo Instituto Bioethicus; 5. Discente em Medicina Veterinária na Universidade Salgado de Oliveira;

As discopatias são afecções com prevalência de destaque na clínica cirúrgica de cães e gatos, afetando negativamente a qualidade de vida dos pacientes. Nesse contexto, a fisioterapia veterinária é um método de tratamento único e/ou adjuvante, tendo a função de mitigar e até eliminar disfunções musculoesqueléticas e aliviar a dor. Dessa forma, este trabalho visa relatar um caso de doença do disco intervertebral (DDIV) grave tratada com fisioterapia e práticas integrativas após hemilaminectomia dorsal descompressiva. Um canino da raça Shih Tzu, macho, com 5 kg e idade de 5 anos, foi atendido com queixa de paralisia de membros pélvicos. Realizou-se tomografia computadorizada da coluna vertebral, que apresentou extrusão de DIV com acentuados volume e compressão medular entre vértebras torácicas T12-T13. O paciente foi submetido a cirurgia de hemilaminectomia dorsal, entretanto, com prognóstico reservado. A descompressão da medula foi realizada sem intercorrências e o animal foi encaminhado para a fisioterapia pós operatória no Espaço de Reabilitação Animal (ERA) em Campos dos Goytacazes-RJ. Na avaliação neurológica, foi constatado déficit proprioceptivo bilateral severo, paralisia e atrofia muscular em membros pélvicos. Foram iniciadas sessões semanais no período de um mês para reduzir dor e o processo inflamatório tecidual pós-cirúrgico. Aplicou-se acupuntura por agulhamento seco nos pontos YT, VG14, B40, B23, B24, R3, BAI HUI e BA FENG; ILIB (intravascular laser irradiation of blood)/5 min/aplicação e fotobiomodulação com cluster 5J sobre coluna torácica. Realizou-se ozonioterapia (10 mcg/ml; via insuflação retal). A cinesioterapia foi aplicada em mobilização passiva para retomar força, equilíbrio e tônus muscular; executaram-se os exercícios de descarga de peso e equilíbrio em disco proprioceptivo, tábua e rampa; sustentação e alongamento com bola suíça. Na 10ª sessão, observou-se uma evolução inicial quanto ao apoio dos membros e tentativa de deambulação incoordenada. Deu-se o início da fase de mobilização ativa, com a combinação das mesmas modalidades anteriores associadas ao treino de marcha com esteira seca, pistas proprioceptiva e de obstáculos com altura progressiva, a medida que a marcha evoluía melhor coordenada. Incluíram-se os acupontos E36, Bp6 e WEI JIAN. Na 29ª sessão, notou-se melhora clínica significativa, com evolução da propriocepção, redução da flacidez muscular e retorno da coordenação da marcha em caminhar espinhal. A fisioterapia e as práticas integrativas empregadas como tratamento adjuvante na reabilitação animal exibiram resultados significativos para o paciente, evoluindo sua mobilidade e qualidade de vida.

Palavras-chave: Medula; Reabilitação; Deambulo;



H-PLASTIA PARA RECONSTRUÇÃO PALPEBRAL EM CÃO - RELATO DE CASO

PIZZO, R.S.¹; DUQUE, L.M.²; CASTRO, F.P.²; SANTOS, T.F.A.³; OLIVEIRA, A.L.A.⁴.

1. Discente de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (20221300031@pq.uenf.br); 2. Médica Veterinária Cirurgiã Autônoma. 3. Médica Veterinária Mestranda em Ortopedia e Neurocirurgia na Universidade Estadual Paulista campus Jaboticabal (UNESP) 4. Professor Associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UNF). Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

Nos cães, as neoplasias localizadas em pálpebras são caracterizadas pelo crescimento anômalo e descoordenado, sendo de significativa importância clínica. Sendo que, aproximadamente 75% dos casos diagnosticados são benignos, enquanto 25% apresentam comportamento maligno. Apesar do potencial maligno, essas neoplasias geralmente possuem baixa taxa de metástase e infiltração local, acometendo com maior frequência cães geriátricos. O objetivo deste trabalho é relatar a exérese de neoplasia em pálpebra superior juntamente com a técnica reconstrutiva de H-plastia em cão. Um paciente canino, sem raça definida (SRD), fêmea, 13 anos de idade e pesando aproximadamente 17 kg, foi atendido no Hospital Veterinário Sadi Bogado, localizado na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, apresentando histórico de uma neoformação na pálpebra superior direita há cerca de 10 meses, acompanhada de desconforto à movimentação palpebral. Ao exame físico, o nódulo apresentava-se ulcerado, de consistência firme, coloração amarronzada, e dimensões aproximadas de 0,6 cm x 0,7 cm, sem a presença de linfonodos reativos e nódulos adjacentes. Foi indicada a excisão cirúrgica do nódulo, seguida de reconstrução palpebral por meio da técnica de blefaroplastia em “H” (H-plastia), indicada especialmente para defeitos que comprometem mais de um terço da rima palpebral. Embora mais frequentemente utilizada na pálpebra inferior, essa técnica demonstrou ser eficaz também na pálpebra superior. Foram realizados exames pré-operatórios e o paciente foi considerado apto para realização do procedimento cirúrgico. A exérese foi realizada com margens de segurança de 5 mm, seguida pela confecção do retalho em H, com incisões paralelas de comprimento 1,5 vezes maior que o defeito, associadas a triângulos de Burrow em cada extremidade distal, favorecendo o deslizamento do retalho sem formação de pregas indesejáveis. Após divulsão delicada do tecido, o retalho foi posicionado e fixado com pontos simples descontínuos sobre a ferida cirúrgica utilizando fio monofilamentar sintético não absorvível 5-0 (Nylon), iniciando pelo os ápices dos triângulos. Em seguida, foi realizada a conjuntivalização da borda do retalho para prevenir a formação de triquíase no pós-operatório. Na análise anatomopatológica, o material foi compatível com epiteloma sebáceo, apresentando margens livres. Trata-se de uma neoplasia benigna, caracterizada pela proliferação de células basaloideas com diferenciação sebácea, com a possibilidade de evolução para um comportamento maligno em alguns casos. Diante desse diagnóstico, o prognóstico é considerado favorável. A técnica cirúrgica utilizada foi eficaz na correção do defeito gerado, promovendo a recuperação da funcionalidade e da estética da região, proporcionando mais conforto ao paciente.

Palavras-chave: Blefaroplastia; Cirurgia; Neoformação;

HIPERPLASIA MAMÁRIA FELINA COM EVOLUÇÃO PARA NEOPLASIA MAMÁRIA: RELATO DE CASO

GOMES, M. F. R.¹; RAMOS, B. O.²; MOTA, G. A. ²; MARQUES, L. H. C.³; FAES, M. R.⁴; CUNHA, I. C. N.⁵; .

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (marianafariasgomes78@gmail.com); 2. Médica Veterinária, Residente em Reprodução, obstetrícia e ultrassonografia de animais de companhia - UENF. 3. Médico Veterinário, Mestrando em Ciência Animal - UENF. 4. Médica Veterinária Técnica Nível Superior - UENF. 5. Professora Responsável pelo Setor de Reprodução, Obstetrícia e Ultrassonografia de Animais de Companhia - UENF.

A hiperplasia mamária felina (HMF) ou também conhecida como hiperplasia fibroepitelial felina, é uma alteração não neoplásica em gatas intactas. É um distúrbio proliferativo do tecido mamário de caráter benigno, que se caracteriza por um desenvolvimento acentuado, dentro de um período curto, acometendo uma ou mais glândulas mamárias. A predominância dos casos é em gatas menores de 1 ano de idade, não castradas e que foram administradas progestágenos sintéticos como contraceptivo. Os animais afetados podem apresentar os sinais clínicos semanas seguintes ao estro, durante a gestação ou nos casos de pseudociese. Este relato tem por objetivo descrever um caso de hiperplasia mamária com evolução atípica para neoplasia em uma felina jovem, destacando a importância do diagnóstico e acompanhamento clínico-reprodutivo. No Setor de Reprodução, Obstetrícia e Ultrassonografia de Animais de Companhia do Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, foi atendida uma felina, fêmea, de 9 meses de idade, sem raça definida, pesando 2,9 kg, com queixa de nódulo mamário. Foi relatado uso de contraceptivo injetável em dose única, sem demais informações sobre dose ou tipo do fármaco utilizado, após duas semanas, houve aumento de volume acentuado das glândulas mamárias, sendo diagnosticado um quadro de HMF e instituído a ovariectomia como tratamento. Houve regressão das glândulas mamárias, porém, a mama inguinal direita continuou evoluindo, sem regressão ao uso de corticosteróides. Por suspeitar-se de neoplasia mamária, foi solicitado exame citopatológico (PAAF), em que obteve-se diagnóstico sugestivo para neoplasia mamária, portanto foi indicado para análise histopatológica para confirmação. A paciente foi encaminhada para o procedimento cirúrgico de mastectomia, após não ter sido identificado foco de metástase em radiografia torácica e ultrassonografia abdominal. A hiperplasia mamária embora seja de caráter benigno, em alguns casos pode evoluir para uma neoplasia mamária, conhecido como tumor de mama, podendo ser benigno ou maligno. A administração regular de progestágenos foi associada a aumento no número de tumores mamários benignos e malignos em gatas, além de lesões não neoplásicas, como a hiperplasia fibroepitelial. Embora a HMF seja uma condição benigna e reversível, a progressão para neoplasia, como observado neste caso, reforça a necessidade de acompanhamento rigoroso dos pacientes afetados. O histórico de administração de progestágenos demonstra a associação dessa terapia com alterações proliferativas mamárias. Assim, a identificação precoce, a conduta terapêutica certa, o uso criterioso de hormonioterapia e conscientização dos tutores são essenciais para garantir o bem-estar e a qualidade de vida das pacientes felinas.

Palavras-chave: Mastectomia; Progestágenos sintéticos; Reprodução animal;

HIPERPLASIA UROTELIAL POLIPÓIDE ASSOCIADA A CISTITE CRÔNICA EM CÃO DA RAÇA SHIH-TZU – RELATO DE CASO

ARAÚJO, O.A.M.M.¹; SANTOS, I.B.¹; SANTOS, P.G.A.²; CARVALHO, L.F.G.³; COSTA, B.B.V.³; CARVALHO, E.C.Q.⁴.

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (oliviaartilles@gmail.com); 2. Médico Veterinário Mestrando em Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; 3. Médico Veterinário Residente em Patologia Veterinária na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. 4. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

A hiperplasia polipóide é uma alteração proliferativa benigna do urotélio em uma projeção anormal de tecido em forma de pólopo, é comumente associada a processos inflamatórios crônicos, como a cistite crônica, podendo assemelhar-se a neoplasias em exames de imagem. O objetivo deste trabalho é relatar um caso clínico de hiperplasia urotelial polipóide associada à cistite ulcerativa em cadela, destacando sua apresentação ultrassonográfica, achados histopatológicos e a importância da abordagem integrada entre patologia e nefrologia no manejo terapêutico. Uma cadela da raça Shih-tzu, com 8 anos de idade e 8 kg foi atendida no Hospital Veterinário da UENF por apresentar hematúria, polaciúria e urina com odor fétido. Ao exame ultrassonográfico, observou-se espessamentos das paredes da vesícula urinária e duas formações: uma em região cranial, medindo cerca de 0,47 × 0,37 cm, e outra maior, em parede ventral, com 2,30 × 1,88 cm, ambas de contornos definidos e irregulares, heterogêneas, com ecogenicidade mista e vascularizadas ao Doppler — achados sugestivos de processo inflamatório com possível formação neoplásica. Também foram identificadas estruturas hiperecogênicas com sombreamento acústico posterior em pelve renal bilateral e em ureter esquerdo proximal, compatíveis com pielolítase e ureterolítase, sem dilatação de pelve ou ureter. Foi realizada cistectomia parcial para a retirada das urolitíases e encaminhamento do tecido para análise histopatológica. O exame revelou expressiva hiperplasia urotelial representada por ilhotas epiteliais concêntricas pelo estroma mixomatóide de submucosa, infiltrado inflamatório misto, representado por abundantes linfócitos e raros neutrófilos, acentuado edema e congestão, com áreas de erosão e ulceração da mucosa, confirmando o diagnóstico de hiperplasia urotelial polipóide associada à cistite crônica ulcerativa. Para a formulação de um plano terapêutico adequado baseado no controle de inflamação, preservação da função renal e na prevenção de recorrências, foi imprescindível o papel da histopatologia, que forneceu um diagnóstico definitivo. E diante disso, o encaminhamento à nefrologista foi essencial. O presente relato demonstra a importância do diagnóstico diferencial das lesões do trato urinário, principalmente das vesicais, já que existe a possibilidade de confusão com neoplasias, além de evidenciar o papel da abordagem interdisciplinar entre a patologia e clínica, com o destaque na nefrologia, como base essencial para uma medicina veterinária moderna, eficaz e integrativa.

Palavras-chave: Cão; Hiperplasia Urotelial; Nefrologia;



HIPOADRENOCORTICISMO EM CÃO: RELATO DE CASO

FAES, P.R.1; MARTINS, M.E.Z.1; MELO, G.S.2; SANCHES, G.L.2; MATIAS, L. A.3; FAES, M.R.⁴

1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Estácio de Sá (pedrofaes16@gmail.com); 2. Médico Veterinário Autônomo; 3. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Salgado de Oliveira; 4. Medica Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

O hipoadrenocorticismismo canino, também conhecido como Doença de Addison, é uma endocrinopatia caracterizada pela deficiência na produção de hormônios adrenocorticais, especialmente glicocorticoides e mineralocorticoides. Embora seja uma enfermidade relativamente rara na rotina clínica veterinária, sua apresentação clínica inespecífica, intermitente e progressiva pode dificultar o diagnóstico, levando a atrasos terapêuticos. Em muitos casos, os sinais clínicos surgem de forma súbita, especialmente durante a chamada “crise addisoniana”, que pode representar risco iminente de vida. Por esse motivo, o reconhecimento precoce e a abordagem diagnóstica adequada são fundamentais para um prognóstico favorável. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de hipoadrenocorticismismo em uma cadela, sem raça definida, com dois anos de idade, encaminhada para ultrassonografia após atendimento imediato na emergência, com histórico de episódios de diarreia, vômitos, emagrecimento progressivo, sendo tratada para hemoparasitose sem sucesso. Durante o exame clínico apresentava astenia (fraqueza), bradicardia, hipotensão, desidratação grave (12%), oligúria, hipoglicemia, se encontrando em estado semicomatoso. Os exames hematológicos revelaram um aumento acentuado dos níveis de potássio 9,0 mEq e baixo de sódio 129 mEq/L, com uma relação sódio/potássio igual a 14,33 (ideal >27), níveis de fósforo elevados (20 mg/dL), azotemia grave, ureia (346 mg/dL) e creatinina (16,1 mg/dL), hemograma com sinais de desidratação e cortisol basal 0,1mcg/dL. A avaliação ultrassonográfica foi realizada antes da obtenção dos resultados hematológicos, utilizando transdutores microconvexo de 6–10 MHz e linear de 8–13 MHz. O exame mostrou glândulas adrenais com dimensões reduzidas, contornos regulares, sem definição córtico medular, a direita mensurava 1,69 cm x 0,26 cm e a esquerda 1,54 cm x 0,20 cm (comprimento x margem caudal, respectivamente), sugerindo hipoplasia de adrenais. Outros achados incluíram espessamento da parede das alças intestinais e fígado congesto, secundária à toxemia. A paciente recebeu terapia intensiva com fluidoterapia e corticoide. Atualmente se encontra estável em tratamento com mineralocorticoide. O cortisol estimula a hematopoiese, controle da pressão arterial e mantém a glicemia. Os mineralocorticoides regulam o equilíbrio hídrico, homeostase do sódio e potássio. Assim, a diminuição destes hormônios leva a anemia, trombocitopenia, azotemia pré-renal, hipercalemia e hiponatremia, confundindo-se com hemoparasitoses ou doença renal crônica. O diagnóstico definitivo é realizado por meio do teste de estimulação com ACTH, porém, devido ao alto custo e urgência clínica, muitas vezes baseia-se em exames laboratoriais, ultrassonografia e resposta ao tratamento. Este caso reforça a importância da suspeita clínica e do suporte diagnóstico no hipoadrenocorticismismo.

Palavras-chave: Adrenais, Hormônios, Ultrassonografia;



MEDICINA VETERINÁRIA INTEGRATIVA NO TRATAMENTO DE LESÕES CAUSADAS POR ESPOROTRICOSE: RELATO DE CASO

SANTOS, B.G.¹; MARIANO, F. de A.²; VIANA, L.R.³; COSTA, N.Q.⁴

1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Av. Vinte e Oito de Março, 856- Parque Dom Bosco, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil, (bhrendags@bol.com.br). 2. Médica Veterinária Fisiatra do Espaço de Reabilitação Animal (ERA). Av. Barão de Carapebuss, 32- Parque Turf Club, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. 3. Médica Veterinária Autônoma. 4. Médica Veterinária dermatologista, docente e coordenadora da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

A esporotricose é uma doença infectocontagiosa de caráter zoonótico, causada por fungos gênero *Sporothrix Schenckii* (Benjamin Schenck, 1898) (Ophiostomatales: Ophiostomataceae). A infecção ocorre através de arranhadura ou mordedura de outros animais doentes (transmissão zoonótica) ou lesão de contato com matéria vegetal contendo conídios de *Sporothrix* (transmissão sapronótica). Os felinos domésticos, são os principais hospedeiros e fontes de infecção. As feridas apresentam-se: profundas, ulceradas e exsudativas, de difícil cicatrização. As principais manifestações clínicas são: cutânea, disseminada, linfocutânea e extra-cutânea. O padrão-ouro para diagnóstico é o isolamento do fungo em meio de cultura. A terapia convencional é a administração de antifúngicos sistêmicos de longa duração, complexidade, alto custo e risco de transmissão da doença, fazendo com que muitos responsáveis optem pela eutanásia ou abandono dos animais infectados. Esse trabalho relata o caso de um felino com lesões causadas por esporotricose não responsivas ao tratamento convencional e descreve o uso da fotobiomodulação como tratamento complementar, destacando seus benefícios e resultados obtidos. Ozie, felino, macho, sem raça definida (SRD), 2 anos, 4,5 kg, foi atendido numa clínica veterinária na cidade de Campos dos Goytacazes- RJ apresentando múltiplas lesões cutâneas na face e orelha esquerda. Após coleta de material e diagnóstico positivo para esporotricose, foi recomendado o isolamento do animal e tratamento via oral com Itraconazol, Adenosilmetionina (SAME), Prednisolona e uso tópico de Clorexidine spray nas lesões, durante 6 meses. A cicatrização das feridas não apresentava resultados satisfatórios. O paciente foi encaminhado para tratamento com técnicas da medicina veterinária integrativa no ERA (Espaço de Reabilitação Animal). Na avaliação, foram observadas lesões ulcerativas com crostas hemáticas e deformidades do tecido. O protocolo de tratamento incluiu sessões semanais de fotobiomodulação, associando as técnicas: Intravascular Laser Irradiation of Blood (ILIB), led azul e combinação das luzes VIS + IV, além da prescrição do uso de óleo ozonizado nos curativos em casa. Após cinco sessões, o paciente apresentou redução completa das lesões, recebendo alta do tratamento integrativo. Manteve o tratamento medicamentoso por mais três meses negativamente para esporotricose. O felino segue curado com mais qualidade de vida. A fotobiomodulação mostrou-se eficaz como método terapêutico complementar no tratamento de lesões causadas por esporotricose, sendo uma técnica de baixo custo, reduzindo o período de tratamento, acelerando a cicatrização e reparação tecidual.

Palavras-chave: Cicatrização; Felino; Fotobiomodulação;



PRÁTICAS INTEGRATIVAS NO TRATAMENTO DE FERIDAS CAUSADAS POR ESPOROTRICOSE EM FELINO- RELATO DE CASO

GONÇALVES, M.G.¹; SANTOS, B.G.²; MARIANO, F. de A.³;

1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Av. Vinte e Oito de Março, 856 - Parque Dom Bosco, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil, (marianaaggomes@gmail.com). 2. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Av. Vinte e Oito de Março, 856 - Parque Dom Bosco, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. 3. Médica Veterinária Fisiatra do Espaço de Reabilitação Animal (ERA). Av. Barão de Carapebus, 32- Parque Turf Club, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

A esporotricose é uma doença de caráter zoonótico, causada por fungos do gênero *Sporothrix Schenckii* (Benjamin Schenck, 1898) (Ophiostomatales: Ophiostomataceae) que acomete principalmente os felinos. É considerada endêmica no município de Campos dos Goytacazes/RJ, sendo de notificação obrigatória. A principal forma de transmissão é através de arranhadura e/ou mordedura de animais infectados e fômites. Os sinais clínicos incluem surgimento de lesões cutâneas, linfocutâneas, disseminadas ou extracutâneas; sinais respiratórios e envolvimento de mucosa também podem ser observados. O diagnóstico é baseado na avaliação clínica, coleta e envio de material para laboratório, objetivando o isolamento e identificação do fungo em meio de cultura. O fármaco de eleição para tratamento da esporotricose é o antifúngico Itraconazol por via oral, método que dificulta a administração do mesmo, aumentando o estresse do animal e o risco de contaminação do responsável. As práticas da medicina veterinária integrativa apresentam-se como opção de tratamento complementar ao convencional. O presente trabalho relata o tratamento de feridas causadas por *Sporothrix Schenckii* em um felino, fêmea, SRD, de 4 anos, com lesões no membro torácico direito que não apresentavam cicatrização satisfatória somente com uso da medicina alopática. O protocolo incluía a administração de Itraconazol 100 mg, por via oral, uma vez ao dia, uso de soro fisiológico para limpeza das feridas e aplicação de Rifamicina Sódica spray. Encaminhada para tratamento integrativo no ERA (Espaço de Reabilitação Animal), a paciente foi submetida a sessões semanais de laserterapia e led azul, além de prescrição do uso de óleo ozonizado nos curativos em casa. Após 11 sessões foi observada a cicatrização completa das lesões seguindo o tratamento medicamentoso da doença até diagnóstico laboratorial negativo. As práticas integrativas comprovaram ser excelentes aliadas ao tratamento convencional para esporotricose, pois reduzem o custo, aceleram a cicatrização das feridas, diminuem o tempo do tratamento e evitam o abandono dos animais infectados pela doença. Ações de educação e saúde dos órgãos públicos são necessárias para promover conscientização dos responsáveis a respeito do potencial zoonótico da doença, e estimular medidas de controle populacional através da castração. O médico veterinário desempenha um papel fundamental no controle da esporotricose, atuando na prevenção, orientação e disseminação das informações.

Palavras-chave: Itraconazol; Laserterapia; *Sporothrix*;



RECONSTRUÇÃO CUTÂNEA PÓS EXÉRESE TUMORAL EM METACARPO DE CÃO UTILIZANDO RETALHO DE AVANÇO UNIPEDICULADO: RELATO DE CASO

AGRÍCOLA, B. L.¹, LOPES, L. C.¹, CARVALHO, L. F.², MURY, J. S.², PEIXOTO, T. M. B.³, OLIVEIRA, A. L. A.³.

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (beatriz.lima1322@gmail.com); 2. Médica veterinária, residente da Clínica Cirúrgica de Animais de Companhia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. 3. Médico veterinário, docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

Lesões cutâneas extensas ou localizadas em regiões de difícil aproximação tecidual demandam abordagens cirúrgicas reconstrutivas específicas. O retalho de avanço é uma técnica que permite o fechamento de feridas por meio do deslizamento de pele adjacente ao defeito, sendo indicada quando a sutura primária causaria tensão excessiva, causadora de complicações como necrose, deiscência de sutura e infecção. Amplamente utilizado na cirurgia de tecidos moles, o procedimento preserva a vascularização do tecido e favorece a cicatrização. O presente relato descreve o caso de um cão, macho, de três anos, sem raça definida, com lesão nodular em região de metacarpo lateral. O animal foi levado ao Hospital Veterinário Sadi Bogado apresentando nódulo ulcerado, firme e de crescimento progressivo durante dois meses na região lateral do metacarpo direito. Diante da suspeita de neoplasia, foram realizados exames complementares como citologia aspirativa, hemograma, bioquímico, ultrassonografia abdominal e radiografia torácica, onde nenhum apresentou alterações. A citologia foi dita como inconclusiva, devido amostra com perfil hemorrágico. Dessa forma, optou-se por realizar o procedimento cirúrgico de exérese tumoral, considerando que o nódulo apresentou rápido crescimento desde a citologia, bordas irregulares e ulceração. Devido a pouca disponibilidade e elasticidade tecidual para a aproximação das bordas, justificadas pela localização da lesão, a técnica escolhida para o fechamento da ferida cirúrgica foi o retalho de avanço unipediculado. Nesse procedimento, o retalho de pele permanece conectado ao corpo por apenas uma extremidade, o pedículo, que garante o suprimento sanguíneo. A partir de duas incisões paralelas e uma base comum, a pele é deslocada para frente e cobre a área lesionada. Portanto, a alta tensão da pele nas margens do leito da ferida foi suavizada, a fim de reduzir a chance de surgimento de intercorrências, como deiscência de sutura. O material retirado foi enviado para análise anatomopatológica, que identificou a amostra como papiloma, neoplasia benigna e de padrão não invasivo. No pós operatório foi implementada analgesia, antibioticoterapia e anti inflamatório. Obteve-se sucesso na recuperação, com a cicatrização adequada, permitindo a livre mobilidade do paciente. Após o caso descrito, conclui-se que o uso de técnicas reconstrutivas como o retalho de avanço são grandes aliadas no processo cicatricial de feridas cirúrgicas complexas. Dentre os benefícios da técnica estão a preservação da vascularização e viabilidade tecidual, redução de tensão em áreas de pouca elasticidade cutânea e diminuição de riscos na cicatrização em locais de maior movimentação, como porções distais dos membros.

Palavras-chave: Membro; Neoplasia; Reconstrutiva;



RESSECÇÃO CIRÚRGICA DE MASTOCITOMA CUTÂNEO CANINO UTILIZANDO RETALHO DE ROTAÇÃO SUBDÉRMICO: RELATO DE CASO.

OLIVEIRA, B.F.G.¹; VENTURA, M. S.¹; CARVALHO, L. F. G.²; MURY, J.S.²; PEIXOTO, T.M.B.³; OLIVEIRA, A.L.A.³.

1- Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (blendaferreiravet@gmail.com); 2. Médica Veterinária, Residente de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; 3. Médico Veterinário docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

O mastocitoma cutâneo representa uma das neoplasias malignas de maior incidência na espécie canina, sendo caracterizado pela proliferação descontrolada de mastócitos, células do sistema imunológico com funções inflamatórias e imunorregulatórias. Diante da relevância clínica dessa afecção, o presente estudo tem como objetivo descrever o procedimento de exérese cirúrgica de um mastocitoma cutâneo em um cão, utilizando a técnica de retalho de rotação subdérmica. Uma cadela, sem raça definida (SRD), com oito anos de idade, foi atendida no Hospital Veterinário Sadi Bogado com histórico de nódulo aderido, de formato regular e consistência firme, localizado no gradil costal esquerdo, medindo $3,68 \times 2,41$ cm. Como parte do protocolo diagnóstico inicial, foram solicitados exames laboratoriais complementares, incluindo hemograma, perfil bioquímico e punção aspirativa por agulha fina (PAAF) da massa nodular. A análise citológica revelou achados compatíveis com mastocitoma, permitindo o delineamento do planejamento cirúrgico para remoção completa da lesão. Para o estadiamento tumoral foram realizados exames de imagem, incluindo ultrassonografia abdominal e radiografia torácica. O procedimento cirúrgico consistiu na ressecção completa da área tumoral com as margens de segurança adequadas. Contudo, o defeito resultante apresentou-se como uma ampla lesão circular, com eixo longitudinal alinhado à linha de tensão cutânea, o que dificultava o fechamento primário. Para contornar essa dificuldade, empregou-se a técnica de “gravata-borboleta” (bow-tie technique), que consiste na inclusão de dois retalhos triangulares em extremidades opostas ao defeito, com seus ápices voltados para o centro da lesão e um ângulo de 30° em relação ao eixo longitudinal. Após a marcação dos triângulos ao redor do defeito, procedeu-se à incisão da pele e descolamento dos retalhos, permitindo a mobilização dos tecidos. A aproximação das bordas foi viabilizada por meio de suturas de aproximação com fio monofilamentar não absorvível 2-0. Após a transposição dos dois lados dos triângulos, procedeu-se à sutura utilizando fio monofilamentar absorvível 3-0 nas camadas profundas, enquanto a pele remanescente foi suturada por pontos simples interrompidos com fio monofilamentar não absorvível 4-0. No pós-operatório imediato, instituiu-se bandagem compressiva para proteção da ferida cirúrgica, além de controle de edema, dor e prevenção de seroma. Após três dias, a bandagem foi substituída por curativo convencional. De forma complementar, foi instituída antibioticoterapia e terapia anti-inflamatória sistêmica. A técnica cirúrgica adotada possibilitou adequada redistribuição da tensão cutânea, favorecendo o fechamento anatômico e a cicatrização satisfatória da ferida.

Palavras-chave: Mastócitos, Neoplasia, Reconstructiva;



TRATAMENTO CONSERVADOR DE DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃO *Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Canidae) COM PRÁTICAS DA MEDICINA VETERINÁRIA INTEGRATIVA: RELATO DE CASO

GESUALDI, A. L.¹; SANTOS, B.G.²; GONÇALVES, M. G.²; PESSANHA, R. O.³; MARIANO, F. de A.⁴

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Av. Alberto Lamago, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro (RJ), Brasil (anitaagesualdi@gmail.com); 2. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). 3. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Estácio de Sá (UNESA). 4. Médica Veterinária, Fisiatra do Espaço de Reabilitação Animal (ERA)

A displasia coxofemoral (DCF) é uma afecção ortopédica de origem multifatorial caracterizada pelo desenvolvimento anormal da articulação do quadril - composta pela cabeça do fêmur e pelo acetábulo - cuja falta de congruência compromete a estabilidade e a funcionalidade do movimento. Na DCF, essa congruência é comprometida devido a uma má formação óssea ou frouxidão ligamentar, resultando em desgaste articular, dor e limitação funcional. Clinicamente, os sinais incluem dificuldade para se levantar, relutância em subir escadas, claudicação, atrofia muscular dos membros pélvicos e intolerância ao exercício. O diagnóstico é baseado na avaliação clínica e em exames de imagem. O tratamento pode ser conservador ou cirúrgico, dependendo da idade do animal, grau da displasia e gravidade dos sintomas. Entre as abordagens terapêuticas conservadoras, destacam-se as práticas da Medicina Veterinária Integrativa - como fisioterapia, acupuntura, fotobiomodulação e quiropraxia - que atuam no controle da dor, na melhora da mobilidade e na prevenção da progressão da doença. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico de displasia coxofemoral em um paciente canino, com ênfase na aplicação de técnicas integrativas no tratamento, destacando seus benefícios e os resultados obtidos. Canino, Akita, macho castrado, 13 anos, 30 kg, encaminhado ao ERA - Espaço de Reabilitação Animal - com diagnóstico de displasia coxofemoral. Durante avaliação e exame físico, observou-se atrofia muscular do membro pélvico esquerdo, claudicação e dor à palpação do quadril. O animal estava em tratamento com Gabapentina, administrada duas vezes ao dia, e Nutricart. O laudo radiográfico apresentou alterações compatíveis com quadro de doença articular degenerativa avançada na articulação coxofemoral esquerda e moderada na direita, secundárias à DCF. O protocolo de tratamento instituído consistiu em sessões semanais, com objetivo inicial de aliviar a dor e reduzir a inflamação por meio das técnicas de acupuntura, moxabustão, fotobiomodulação e ozonioterapia. Após o controle da dor, foram incluídas ao protocolo práticas de cinesioterapia e quiropraxia, visando melhorar a amplitude de movimento e a coordenação motora, além de aumentar o tônus muscular. O paciente segue em tratamento com as práticas integrativas, apresentando melhora na sintomatologia, redução da claudicação e aumento notório da musculatura do membro pélvico direito. A evolução do quadro de osteoartrose é acompanhada por meio de exames radiográficos realizados periodicamente. A utilização das práticas integrativas tem proporcionado benefícios significativos no alívio da dor, na melhora da função articular e na qualidade de vida do paciente, demonstrando ser uma excelente opção de tratamento para a displasia coxofemoral.

Palavras-chave: Fisioterapia; Osteoartrose; Reabilitação;



TRAUMA CRÂNIO-ENCEFÁLICO EM FILHOTE CANINO E ABORDAGEM CLÍNICA COM MANITOL: RELATO DE CASO

LOPES. L. C¹.; TARABAI. M. E. A¹.; VILLAPOUCA. J. G².; CARDOSO. S. O².; PEDROSA. P. L².; ALBERNAZ. A. P³.

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (20201300082@pq.uenf.br); 2. Residente da Clínica Médica de Pequenos Animais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. 3. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

O trauma crânio-encefálico (TCE) é caracterizado por lesões físicas no crânio e/ou encéfalo que resultam em alterações neurológicas de gravidade variável. Trata-se de uma emergência com potencial para sequelas permanentes ou óbito, exigindo diagnóstico e intervenção imediatos. Em animais jovens, como filhotes, o TCE apresenta particularidades clínicas devido à imaturidade do sistema nervoso central, maior fragilidade óssea e menor capacidade de compensação metabólica. Nessas faixas etárias, os traumas podem ocorrer de forma acidental e, muitas vezes, são subestimados pelos tutores. A rápida intervenção terapêutica é essencial para o prognóstico neurológico. Este relato descreve um caso de TCE em filhote canino de um mês de idade, abordando sinais clínicos, métodos diagnósticos, tratamento instituído e evolução do quadro com uso do Manitol. A paciente canina, sem raça definida, pesando 2,1 kg, foi atendida no Hospital Veterinário Sadi Bogado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) com alteração comportamental aguda. O tutor não relatou mudanças recentes na rotina e nem histórico de trauma. Ao exame clínico, observou-se estupor, hipotermia, desidratação moderada, mucosas normocoradas, secreção bilateral nos condutos auditivos, linfonodos aumentados e presença de pulgas e carrapatos. Na avaliação neurológica, notaram-se rigidez dos quatro membros, ausência dos reflexos palpebral e de ameaça, nistagmo bilateral e ausência de resposta a estímulo verbal e doloroso. Os exames de sangue não foram autorizados. Portanto, foi solicitado o estudo radiográfico, que evidenciou fratura em osso occipital, pneumonia broncoaspirativa e contusão pulmonar. Após novo questionamento, foi confirmada pela filha do tutor uma queda do colo minutos antes do atendimento. Na consulta, foram administrados manitol 1g/kg, meloxicam 0,1mg/kg, cloridrato de metadona 0,2mg/kg, dipirona 25mg/kg e amoxicilina 22mg/kg via subcutânea. Foi indicada a internação para continuidade do protocolo com manitol a cada 8 horas, mas devido a restrição financeira do tutor, foi acordado retorno no dia seguinte para reaplicação das medicações. No retorno ao hospital, a paciente apresentou evolução positiva, com melhora da espasticidade, responsiva à estímulo verbal, alimentando-se de forma espontânea e sem demais alterações. Em casa, o tutor relatou a completa melhora do quadro neurológico após o segundo dia de tratamento. Em conclusão, constatou-se que o uso do manitol, potente anti diurético osmótico, associado ao anti inflamatório, foi imprescindível para redução da pressão intracraniana e do edema cerebral, principais fatores causadores do quadro. O trabalho também evidencia um caso de omissão dos tutores, tópico dificultoso na rotina veterinária.

Palavras-chave: Edema cerebral; Emergência; Neurologia;



USO DO RETALHO MUCOCUTÂNEO LABIAL (LIP-TO-LID) NO REPARO DE DEFEITO PALPEBRAL INFERIOR EM CÃO: RELATO DE CASO

FERREIRA, P.M.C.¹; RIBEIRO, Y.C.B.¹; DE CASTRO, F.P.²; DUQUE, L.M.²; ALVES, G.P.¹; SALVADOR, G.R.¹.

1. Discente graduação Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (pemathias05@gmail.com), 2. Médico Veterinário formado pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

Um cão macho, sem raça definida, com 10 anos de idade, foi atendido no setor de clínica médico-cirúrgica do Hospital Veterinário Darcy Ribeiro (UENF), apresentando um nódulo na pálpebra inferior direita. A lesão comprometia a rima palpebral e, devido ao seu tamanho e localização, indicava-se remoção cirúrgica imediata, pois poderia prejudicar a função de proteção ocular e causar desconforto ao animal. Para a reconstrução do defeito gerado pela excisão do nódulo, optou-se pela utilização da técnica lip-to-lid, que consiste em um retalho axial mucocutâneo baseado na artéria labial inferior. Essa técnica permite a transposição de tecido bem vascularizado do lábio inferior para a região palpebral, sendo especialmente indicada para casos em que há perda tecidual significativa na pálpebra inferior. Inicialmente, foi realizada uma incisão triangular ao redor da neoformação para sua completa retirada. Em seguida, confeccionou-se o retalho com uma incisão próxima à comissura labial direita, incluindo a epiderme labial externa, a linha mucocutânea e a mucosa oral interna. A divulsão dos tecidos foi conduzida com extremo cuidado, a fim de preservar a artéria labial inferior, cuja integridade é essencial para a manutenção da viabilidade do retalho. Posteriormente, realizou-se uma incisão direta em “ponte” até o defeito palpebral, permitindo a passagem do retalho sem tensão. O mesmo foi reposicionado sobre o leito receptor e fixado com pontos simples utilizando fio poliglecaprone 5-0, garantindo boa cobertura e adaptação às margens do defeito. O pós-operatório incluiu administração oral de dipirona (analgésico), meloxicam (anti-inflamatório não esteroide) e Agemoxi (amoxicilina com ácido clavulânico), além do uso de colar elizabetano para evitar trauma local. O animal retornou para reavaliação após 15 dias, momento em que foi constatada a completa recuperação do sítio cirúrgico, com excelente cicatrização, ausência de complicações e preservação da funcionalidade da pálpebra. A técnica lip-to-lid demonstrou ser uma opção reconstrutiva segura, eficaz e funcional para o tratamento de grandes defeitos palpebrais em cães, com ótimos resultados estéticos e clínicos no presente caso.

Palavras-chave: Cirurgia; Oftalmologia; Retalho;



UTILIZAÇÃO DE BISTURI ULTRASSÔNICO PARA ESTAFILECTOMIA: RELATO DE CASO

RODRIGUES,E.S¹.; GERIN,D.R².; BORGES, E.E.³; GOMES,H.L.⁴.

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estácio de Sá- UNESA, Campos dos Goytacazes-RJ (ederbiol@hotmail.com); 2. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro-UENF, Campos dos Goytacazes-RJ. Mestre em Biociências e Biotecnologia (UENF); 3. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estácio de Sá- UNESA, Macaé-RJ. 4. Médico Veterinário; Mestre em Ciência Animal (UENF).

A estafilectomia é a ressecção do palato mole, sendo indicada quando este está alongado. Essa alteração anatômica ocorre com frequência em raças braquicefálicas. A correção cirúrgica com bisturi ultrassônico tem-se destacado por apresentar vantagens em relação aos métodos convencionais, onde baseia-se em ondas de alta frequência, que ao ser convertida em energia mecânica, realiza o selamento e secção dos vasos sanguíneos, tecidos fibroadiposo e muscular. Este relato de caso descreve a utilização do bisturi ultrassônico da marca VETSONIX® na estafilectomia de um cão da raça Buldogue Francês com 4 anos de idade e peso de 11 kg no município de Macaé-RJ. O paciente foi atendido no dia 19 de julho de 2024, durante a consulta, o responsável relatou que o animal apresentava dificuldade ao exercício, roncos e desconforto respiratório intenso. No exame clínico físico foi observado estenose nasal bilateral e inferiu-se o diagnóstico presuntivo de palato mole alongado associado a eversão dos sacos laríngeos, que são alterações frequentes na síndrome braquicefálica. Diante disso, recomendou-se a intervenção cirúrgica para correção dessas alterações anatômicas. Como exames pré-operatórios foram solicitados hemograma, bioquímica renal e hepática, eletrocardiograma e radiografia do sistema respiratório, os quais foram aptos para procedimento cirúrgico no dia 29 de Julho de 2025, época em que o paciente teve o quadro clínico agravado. O paciente foi oxigenado, sedado com metadona 0,3 mg/kg, induzido com propofol, na dosagem de 4 mg/kg e cetamina na dose de 1 mg/kg, via intravenosa, sendo intubado e mantido com isoflurano em vaporizador universal com taxa variável. Após o excesso do palato mole ser fixado, este foi seccionado com bisturi ultrassônico, que possibilitou a realização de incisão precisa e rápida, promovendo adequada secção e hemostasia, o que reduziu o tempo do procedimento. Conclui-se que em comparação com outras técnicas cirúrgicas, o bisturi ultrassônico proporcionou um excelente desempenho no que tange a menor danos aos tecidos adjacentes, controle eficaz do sangramento, ausência da necessidade de sutura, menor tempo de duração do procedimento e ausência de intercorrências no pós-operatório.

Palavras-chave: Bisturi ultrassônico; Estafilectomia; Síndrome braquicefálica;



UTILIZAÇÃO TRANSOPERATÓRIA DA HISTOPATOLOGIA POR CONGELAMENTO PARA AS RESSECÇÕES NEOPLÁSICAS: RELATO DE CASO

GERIN, D.R.¹, RODRIGUES, E.S.², BORGES, E.E.², GOMES, H.L.³, BRESSAN, H.⁴

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes. Mestre em Biociências e Biotecnologia (UENF). (20241300002@pq.uenf.br). 2. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estácio de Sá- UNESA. 3. Médico Veterinário. Mestre em Ciência Animal (UENF). 4. Médica Veterinária. Mestre em Ciência Animal (UFMG). Docente da UNESA campus Macaé, Av. Rui Barbosa, 2390 - Praia Campista, Macaé - RJ.

O mastocitoma é uma neoplasia maligna de mastócitos, com comportamento biológico variável e potencialmente agressivo, especialmente em localizações extracutâneas como a cavidade nasal, onde apresenta prognóstico reservado e elevada taxa de metástase para linfonodos regionais. A histopatologia transcirúrgica por congelamento é uma ferramenta rápida, realizada durante o procedimento, que orienta a conduta terapêutica e permite ampliar margens de ressecção. Este relato descreve a remoção de um nódulo na cartilagem nasal dorsal lateral esquerda, o qual foi caracterizado como mastocitoma nasal por exame histopatológico transcirúrgico. Foi atendida uma cadela sem raça definida, 6 anos, com discreto aumento de volume e hipocromia no plano nasal rostral esquerdo com cerca de 0,5 cm. Após sedação, indução e manutenção anestésica inalatória, posicionou-se a paciente em decúbito esternal. Realizou-se incisão elíptica conservadora, com dissecação até a cartilagem profunda e margens de 0,5 cm. Durante o procedimento, coletaram-se fragmentos da lesão para exame histopatológico transcirúrgico com coloração panótico rápido e, posteriormente, Giemsa para confirmação diagnóstica. A análise evidenciou mastócitos atípicos, caracterizando mastocitoma e definindo o comprometimento da margem profunda. Isso motivou ampliação imediata para 1,0 cm, resultando em amostras livres de neoplasia. O exame histopatológico definitivo confirmou mastocitoma cutâneo de baixo grau segundo Kiupel e grau II segundo Patnaik, infiltrando a derme profunda, com inflamação pio-granulomatosa, necrose e ulceração. No exame histopatológico em parafina consta “margem comprometida”, uma vez que, devido ao reduzido tamanho da lesão, todas as margens cirúrgicas foram removidas e analisadas previamente por histopatologia intraoperatória por congelamento. Dessa forma, foi encaminhada para o exame em parafina apenas a amostra tumoral remanescente, não havendo tecido adicional para avaliação das margens. Ressalta-se que as margens encontravam-se efetivamente livres após a ampliação cirúrgica. Linfonodos submandibulares apresentaram hiperplasia linfóide reacional, sem metástase. Optou-se por acompanhamento clínico, sem quimioterapia. Após dois e meio meses, a paciente permanecia estável e sem recidiva. Conclui-se que a técnica de diagnóstico transcirúrgico é uma ferramenta valiosa no manejo de neoplasias, não apenas nas raras e agressivas, como o mastocitoma nasal, mas também em tumores de diferentes naturezas, ao permitir a avaliação imediata das margens cirúrgicas e auxiliar em decisões intraoperatórias rápidas e assertivas, com potencial de impactar positivamente o prognóstico do paciente.

Palavras-chave: Mastocitoma; Neoplasia; Histopatologia transcirúrgica;

AMPUTAÇÃO COXOFEMORAL DE MEMBRO PÉLVICO EM COELHO COM SUSPEITA DE PLASMOCITOMA

LANDMANN, J.G.¹; OLIVEIRA, K. F. A.; ALVES, J. V. A.²; CARVALHO, L. F. G.²; PEIXOTO, T. M. B.⁴; OLIVEIRA, A. L. A.⁴.

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (20221300002@pq.uenf.br); 2. Médico Veterinário Residente de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. 4. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

O plasmocitoma é uma neoplasia originada da proliferação monoclonal de plasmócitos, tendo três formas principais: o extramedular, o ósseo solitário e o mieloma múltiplo. Este trabalho objetiva relatar a amputação coxofemoral em coelho com neoplasia como abordagem cirúrgica eficaz. Um coelho (*Oryctolagus cuniculus*, Linnaeus 1758) macho, raça Nova Zelândia e 9 anos, foi atendido com um nódulo ulcerado na região calcâneo esquerda. A citologia foi sugestiva de plasmocitoma. Exames radiográficos revelaram fratura completa do osso calcâneo, lise óssea e reação periosteal envolvendo ossos társicos, sugestivos de neoplasia óssea, sem evidência de metástase pulmonar. A ultrassonografia do nódulo identificou formação arredondada de contornos irregulares, parênquima heterogêneo e vascularização discreta, reforçando a suspeita de processo neoplásico. O hemograma e o bioquímico evidenciaram anemia normocítica normocrômica, policromasia moderada, neutrofilia, linfopenia absoluta e trombocitose, além de creatinina quinase aumentada, compatíveis com processo inflamatório. Recomendou-se a amputação total do membro por desarticulação coxofemoral. Foi realizado um bloqueio epidural e o animal foi posicionado em decúbito lateral direito, foi feita incisão cutânea medial no terço médio do fêmur. Procedeu-se à dissecação entre os músculos sartório e pectíneo para acessar o triângulo femoral e realizar a ligadura da artéria e veia femorais, seguida da secção dos músculos sartório, pectíneo, grácil e adutor. A incisão da pele foi ampliada pela face lateral do membro, o músculo iliopsoas foi seccionado em sua inserção e rebatido cranialmente para acesso à cápsula articular, o bíceps femoral e o tensor da fáscia lata foram seccionados e afastados, permitindo a identificação do nervo ciático, que foi seccionado distalmente aos seus ramos musculares. Após a incisão da cápsula articular e secção do ligamento da cabeça do fêmur, realizou-se a remoção completa do membro. O fechamento foi realizado com flaps musculares do bíceps femoral e do tensor da fáscia lata, suturados aos músculos grácil e sartório, seguido de sutura subcutânea e cutânea. O membro removido foi encaminhado para análise anatomopatológica, tendo como resultado preliminar a suspeita de plasmocitoma, contudo ainda segue em análise. O paciente apresentou boa recuperação cirúrgica, mas não deambula sozinho, sendo indicada fisioterapia para reabilitação. A amputação total demonstrou-se eficaz e segura no manejo de suspeita de plasmocitoma em coelhos, visto que é a técnica de maior interesse para coelhos, por não preservar um coto ósseo que pode lesionar a região durante o salto. A abordagem cirúrgica estabilizou o quadro clínico, sendo a fisioterapia fundamental para a recuperação funcional.

Palavras-chave: Desarticulação Coxofemoral; Neoplasia; Ortopedia;



HEMANGIOMA CAVERNOSO EM *Larus dominicanus* – RELATO DE CASO

SANTOS, I.B.¹; ARAÚJO, O.A.M.M.¹; SANTOS, P.G.A.² MARTINS, L.L.³; SOUZA.T.S.³; CARVALHO, E.C.Q.⁴

1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (iasmimbsantos15@gmail.com); 2. Médico Veterinário Mestrando em Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; 3. Médica Veterinária Residente da Patologia Animal na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.; 4. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

As neoplasias vasculares sanguíneas possuem origem nas células endoteliais que revestem os vasos e podem ser classificadas como benignas e malignas. As doenças neoplásicas têm verificado um aumento em aves, devido ao prolongamento da esperança média de vida. O hemangioma é uma neoplasia benigna que pode ser classificada como cavernoso, arteriovenosos, venosos e capilares, levando em consideração o tamanho dos vasos sanguíneos envolvidos. O hemangioma cavernoso é composto por uma fina camada de endoteliócitos diferenciados, que formam grandes espaços vasculares dilatados e irregulares, repletos de sangue e semelhantes a cavernas. Do ponto de vista histológico, trata-se de um tumor não encapsulado e não invasivo, composto por espaços vasculares revestidos por células endoteliais bem diferenciadas, podendo conter ou não trombos. Uma ave do gênero *Larus*, espécie *Larus dominicanus*, conhecido como Gaivotão, macho e adulto, resgatada pela equipe de campo no dia 04 de janeiro de 2024 e encaminhada para a Unidade de Estabilização do Rio de Janeiro por apresentar asa direita pendular. O animal apresentava escore corporal ótimo e poucos piolhos, encontrava-se alerta e reativo ao manejo. Após o exame clínico, identificou-se luxação na articulação do ombro, e devido ao prognóstico desfavorável para retorno à natureza, optou-se pela eutanásia ética e posterior realização do exame de necropsia. Nos achados macroscópicos, a cavidade corporal não apresentava alterações, mas o tecido cutâneo e subcutâneo mostrava anomalias, no qual foi identificada uma estrutura aderida à pele, de formato arredondado, de aproximadamente 1 centímetro, apresentando distribuição focal e severidade discreta na região da articulação carpometacárpica. A análise histopatológica dessa estrutura revelou, em H/E, neoplasia benigna composta por uma fina camada de endoteliócitos que formavam espaços vasculares, irregulares, dilatados e repletos de sangue. Este relato é de grande relevância por ampliar o conhecimento sobre a ocorrência de neoplasias vasculares em espécies pouco estudadas, como o *Larus dominicanus*. Além disso, reforça a necessidade de monitorar os animais resgatados, visando não apenas o bem estar desses animais, mas também ao enriquecimento das informações sobre as doenças que acometem as aves silvestres.

Palavras-chave: Hemangioma Cavernoso; *Larus dominicanus*; Neoplasia;



OCORRÊNCIA DE SARCÓIDE EM EQUINO: RELATO DE CASO

CASTRO, B.C¹; RIBEIRO, L.M.F.²; DI FILIPPO, P. A.³

1. Discente do Curso de Mestrado – PPGMV - Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF (beatrizcastro16@gmail.com); 2. Discente do Curso de Doutorado – PPGCA - Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF; 3. Docente da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF, setor de grandes animais, clínica e cirurgia de equinos.

O sarcóide é a neoplasia cutânea mais comum em equinos, de caráter benigno, porém localmente agressivo e com alta taxa de recidiva, afetando animais de qualquer idade, sexo ou raça. Um equino foi encaminhado ao Hospital Veterinário da UENF com lesões cutâneas localizadas nas regiões das orelhas e do pescoço. Segundo o proprietário, as lesões haviam surgido há algum tempo e apresentavam evolução progressiva. O animal apresentava bom ECC, vivia a pasto e no exame físico, os parâmetros fisiológicos do mesmo encontravam-se dentro do normal para a espécie (FC: 30, FR: 15, mucosas normocoradas, estado de consciência normal) e as lesões possuíam características sugestivas de sarcóide. Procedeu-se à admissão, tricotomia das regiões afetadas e antissepsia local. Optou-se por abordagem cirúrgica para excisão das massas tumorais, seguida da aplicação de crioterapia como terapia adjuvante. Para isso, o animal foi contido em estação e sedado com detomidina na dose de 20 µg/kg por via intravenosa, com administração progressiva de 0,1 µg/kg ao longo do procedimento. Realizou-se anestesia local peritumoral com lidocaína a 2% (10mL por ponto de bloqueio), respeitando a dose máxima recomendada (7 mg/kg). A excisão cirúrgica foi conduzida priorizando a retirada das lesões com margens amplas de segurança para minimizar o risco de recidiva. Durante o procedimento cirúrgico, constatou-se comprometimento extenso da estrutura auricular por nódulos neoplásicos, sendo indicada a amputação da orelha acometida. As massas excisadas foram coletadas, fixadas em formol a 10% e enviadas para análise da Patologia da UENF, que posteriormente confirmou o tumor como sarcóide. Concluída a exérese, foi aplicada crioterapia com nitrogênio líquido diretamente nas áreas manipuladas, com o intuito de destruir eventuais células tumorais residuais através de crionecrose. Realizou-se curativo local específico utilizando tratamento tópico com pomada a base de Aciclovir 5% e bandagens. Também foi feito controle de dor e inflamação com fármacos (flunixin meglumine – 1,1mg/kg, 1 vez por dia durante 3 dias, IV e dipirona – 25mg/kg, TID, por 3 dias, IV) e o animal permaneceu sob monitoramento pós-operatório até receber alta. Após uma semana do procedimento cirúrgico e evolução no quadro, recebeu alta podendo retornar a suas atividades, recomendando-se a observação frequente dos tumores e volta ao atendimento em sinais de recidivas. Concluiu-se que a combinação de cirurgia com margens amplas e crioterapia foi eficaz na remissão das lesões, reforçando a necessidade de tratamento individualizado e monitoramento contínuo diante do comportamento recorrente dos sarcóides equinos.

Palavras-chave: Neoplasia cutânea; Exérese tumoral; Crioterapia;





XIX Mostra Científica SADI BOGADO

NEOPLASIA COXOFEMORAL EM EXERCÍCIO TUMORAL EM VITRABOQUE CRIANDO RETALHO DE AVANÇO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

INTRODUÇÃO

Neoplasia originada da proliferação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

XXIX Mostra Científica SADI BOGADO

PÉLVICO EM COELHO COM SUSPEITA DE PLASMO

LANDMAN J.L.; OLIVEIRA, K. P. A.; ALVES, J. V. A.; CARVALHO, L. F. G.; PEIXOTO, T. M. B.; O

Discente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (202

Residente de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais da Universidade Estadual do Norte Flum

Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Av. Alberto Lamego, 2000 - Parque

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

CONCLUSÃO

O membro removido foi enca

anatomopatológica, tendo como

suspeita de plasmocitoma. O pa

recuperação cirúrgica, mas não d

indicada fisioterapia para reabilita

demonstrou-se eficaz e segura no

plasmocitoma em coelhos, visto q

interesse para coelhos, por não pres

pode lesionar a região durante o salto

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.

Recomendou-se a amputação

desartilação coxofemoral.